

Novos Tempos, Novas Agendas: a visão internacional dos militares no século XXI

Luã Braga de Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho tem como ponto de partida o estudo de Eugênio Vargas Garcia (1997), cujo objetivo foi analisar o pensamento dos militares em política internacional entre os anos de 1961 e 1989, através do estudo de publicações acadêmicas militares. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é identificar a visão internacional dos militares nos tempos atuais, através do mapeamento e da análise das edições das publicações dos últimos dez anos da Revista das Ciências Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Quando vistos em comparação com os resultados obtidos por Garcia (1997), os resultados desta pesquisa permitiram identificar mudanças nas ênfases temáticas das publicações militares, bem como nos constructos teóricos que figuram entre as principais influências na constituição da visão internacional dos militares nos dias de hoje.²

INTRODUÇÃO

As políticas compreendidas enquanto políticas de Estado, como a política de defesa e a política externa, embora possuam o Estado como ator responsável privativo por sua implementação, configuram-se enquanto política pública, refletindo os interesses dos diversos setores e frações da sociedade civil e tendo seus rumos direcionados pela resultante das pressões exercidas por esses atores. Essas pressões, por sua vez, são exercidas verticalmente, pela sociedade civil organizada em grupos como sindicatos, ONGs e entidades estudantis. São também exercidas horizontalmente, entre os grupos de interesse que participam do processo de elaboração e implementação dessa política pública e encontram-se em constante disputa por representação político-institucional: as elites nacionais. Diferentemente da sociedade civil organizada, as elites nacionais dispõem em maior abundância de recursos materiais e simbólicos capazes de influenciar no processo decisório institucional, o que faz do estudo de sua composição e de seus padrões e interação uma parte fundamental para a compreensão da ação política do Estado brasileiro, a nível doméstico e a nível internacional.

¹ Mestrando em Ciência Política pelo IESP/UERJ, pesquisador do Núcleo de Estudos Atores e Agendas de Política Externa (NEAAPE/IESP) e do Laboratório de Estudos de Segurança e Defesa (LESD/UFRJ).

² Agradecimentos às professoras Leticia Pinheiro e Maria Regina Soares de Lima, e ao professor Rubens Duarte pelos comentários e contribuições.

Dentre os variados atores que compõem esse grupo, os militares são um dos mais tradicionais e relevantes, sobretudo quando o objeto de análise são as políticas públicas pertencentes ao patamar da “Alta Política”, como as políticas externa e de defesa. Desse modo, estudar e compreender a visão internacional desses atores é tarefa central para pensar não só os rumos da política de defesa nacional, da qual são protagonistas, mas também os rumos da política externa e das relações internacionais do Brasil, uma vez que tais campos possuem intrínseca relação.

O objetivo e o caminho metodológico do presente estudo foram desenhados a partir da leitura do artigo de Eugênio Vargas Garcia (1997). O objetivo do estudo de Garcia (1997) foi abordar a evolução do pensamento dos militares em política internacional ao longo do período entre 1961 e 1989. Para tal, o diplomata analisou publicações de militares em periódicos acadêmicos da área de Relações Internacionais com o intuito de identificar os traços característicos de sua compreensão das Relações Internacionais. Garcia (1997), no início de seu trabalho, destaca uma diferenciação importante quanto ao significado da expressão “pensamento dos militares”, que segundo ele

se refere às opiniões e concepções elaboradas pelos militares em assuntos específicos. Neste caso, pode haver um pensamento dos militares em matéria de economia, política, saúde e educação, ou sobre temas como a integração nacional, os meios de comunicação, a cultura, e assim por diante. (GARCIA, 1997, p. 20).

Será precisamente essa compreensão de pensamento dos militares em política internacional, doravante tratada simplesmente como visão internacional dos militares, a ser utilizada para efeitos desta pesquisa. Seu objetivo é, portanto, refazer a pergunta de Garcia (1997) nos tempos atuais, buscando compreender a visão internacional dos militares em um marco temporal mais recente. Espera-se que ao fim do estudo seja possível contrastar os resultados aqui obtidos com aqueles obtidos por Garcia (1997) e observar se e em que grau pode ser afirmado que houve mudança na visão internacional desses atores.

METODOLOGIA

Passadas duas décadas desde a publicação do estudo de Garcia (1997), o campo de estudos internacionais e suas subáreas apresentou vigorosa expansão. Com a multiplicação dos programas de pós-graduação da área e a criação de associações como a Associação

Brasileira de Relações Internacionais (ABRI) e a Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED), criou-se um ambiente acadêmico-institucional fértil para a proliferação dos periódicos da área. Dessa forma, hoje há maior abundância de fontes a serem analisadas para que seja respondida a questão de pesquisa colocada. Entretanto, por motivos de concisão optou-se pela seleção dos artigos publicados nos últimos dez anos por um desses periódicos: a “Coleção Meira Mattos” – Revista das Ciências Militares, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), por tratar-se do periódico acadêmico militar mais antigo depois das revistas da Escola Superior de Guerra (ESG), além de tratar-se da principal publicação acadêmica do Exército Brasileiro.

O periódico lançou seu primeiro volume no ano de 1999 e desde 2003 publica quadrimestralmente suas edições, com exceção dos anos de 2011 e 2016 nos quais foi publicada apenas uma edição em cada ano. Para não tornar o estudo demasiadamente longo, o corte temporal feito corresponde aos últimos dez anos (2006-2016). Os autores que publicam na revista são, com frequência, oficiais de carreira do Exército Brasileiro com formação acadêmica *stricto sensu* nas áreas de Ciências Militares, Ciência Política, Relações Internacionais, Estudos Estratégicos ou áreas correlatas. Há também a participação de civis do campo de estudos de defesa e segurança. Serão analisados artigos de militares e de civis indistintamente, devido ao entendimento de que mesmo artigos de autoria de civis, para serem aceitos e publicados em um periódico militar de tamanha relevância, cujo corpo editorial é composto de militares de carreira, possui chancela da instituição e pode servir como evidência da visão internacional que a permeia.

A análise será conduzida com o intuito de: (1) mapear os temas internacionais que foram mais abordados pelo periódico, (2) identificar os autores e teorias mais frequentemente citados e discutidos e (3) refletir acerca da visão internacional embutida nessas teorias. Para o mapeamento dos temas abordados, serão criadas categorias a partir da leitura dos respectivos resumos. Alguns artigos poderão ser classificados em mais de um tema, como é o caso do artigo “Quando a Terra não Basta: a China na Corrida ao Espaço”, publicado na 37ª edição da revista, que pode ser classificado tanto na categoria China quanto na categoria Questão Espacial. Nesses casos, será feita uma ponderação quanto ao enfoque prioritário dado pelo autor por um tema ou outro. Desse modo, embora essa etapa seja majoritariamente objetiva, há ainda um grau de subjetividade na alocação dos artigos nas categorias elaboradas.

Sabe-se de antemão das limitações presentes na tentativa de extrair a visão internacional dos militares a partir de um apanhado restrito de evidências. Ciente destas

limitações, entretanto, espera-se que o material levantado e estruturado ao fim da pesquisa auxilie na reflexão sobre a visão internacional dos militares no momento histórico atual e sirva de ponto de partida para o aprofundamento do tema em investigações futuras.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Ao longo dos últimos dez anos, a Revista das Ciências Militares da ECEME publicou 26 edições sobre variados temas de interesse dos estudos de defesa e das ciências militares. No tocante à atividade fim das forças armadas, os assuntos tratados referem-se em sua maioria à doutrina e educação militar; à administração no âmbito das forças armadas; ao emprego estratégico, tático, operacional e técnico do poder militar e de seus recursos; às áreas estratégicas para a defesa nacional e às agendas de segurança, além de trabalhos teóricos no campo da Segurança e da Defesa, do Direito Internacional, da Política Externa e da Economia Política. Parte dos artigos apresentaram estudos de casos com enfoque em determinadas regiões ou países, analisados de independentemente ou sob a ótica de suas relações bilaterais com o Brasil. Ainda, uma parcela dos trabalhos discutiu temas referentes à relação entre as forças de defesa, a sociedade civil e outras instituições de natureza doméstica. O quadro a seguir apresenta de sinteticamente os temas tratados pelas publicações analisadas, divididos em categorias e agrupados em conjuntos:

Quadro 1 - Temas abordados pelas edições da Revista das Ciências Militares (2006-2016)

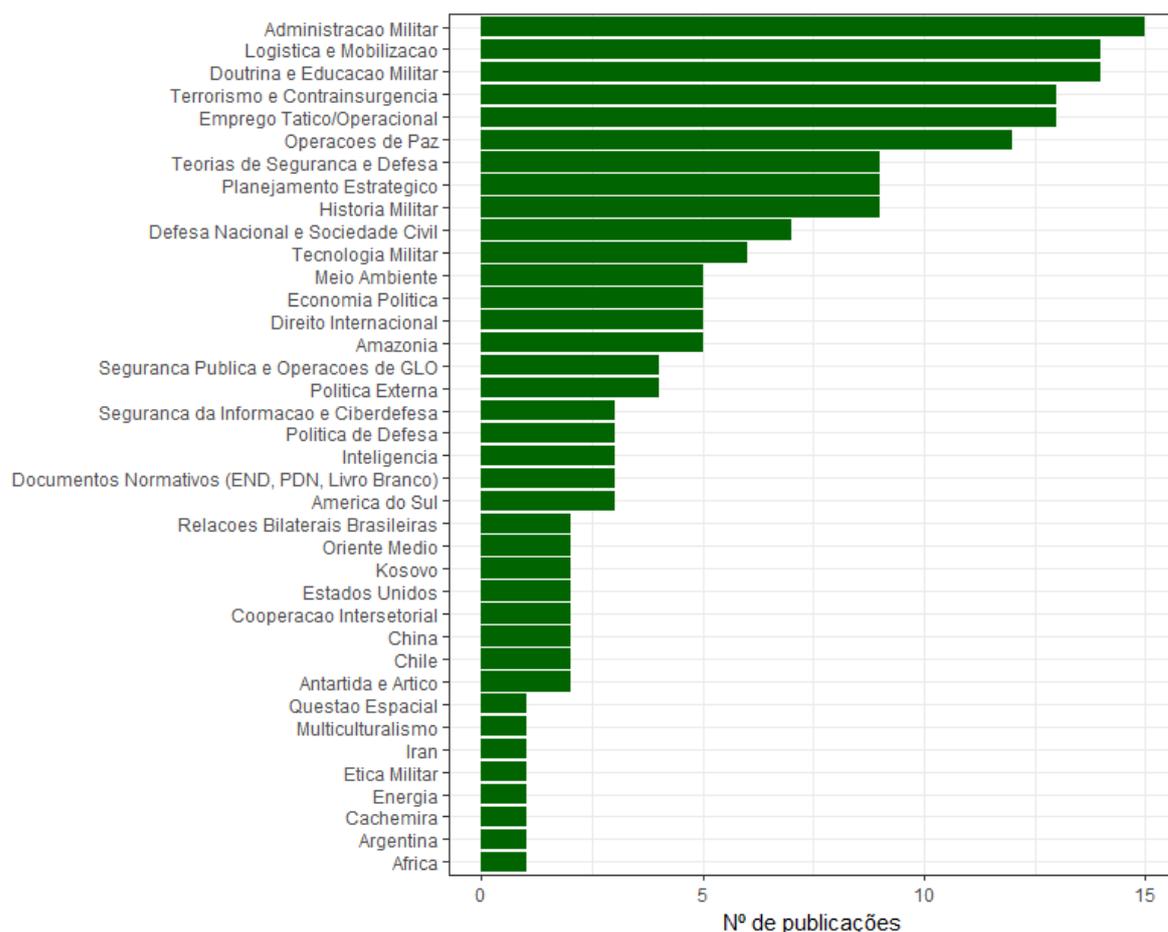
<p><u>Regiões e Países</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ● África ● América do Sul ● Antártida e Ártico ● Oriente Médio ● Chile ● Argentina ● Estados Unidos ● China ● Irã ● Kosovo ● Cachemira 	<p><u>Política Internacional</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ● Direito Internacional ● Política Externa ● Economia Política ● Teorias de Segurança e Defesa ● Relações Bilaterais 	<p><u>Agendas de Segurança e Áreas Estratégicas</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ● Meio Ambiente ● Operações de Paz ● Terrorismo e Contrainsurgência ● Amazônia ● Questão Espacial ● Segurança da Informação e Ciberdefesa
<p><u>Aspectos Institucionais</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ● Ética Militar ● Doutrina e Educação Militar ● Administração Militar ● História Militar 	<p><u>Emprego da Força e Recursos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ● Emprego Tático/Operacional ● Planejamento Estratégico ● Tecnologia Militar ● Logística e Mobilização 	<p><u>Política Doméstica e Sociedade</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ● Cooperação Intersetorial ● Defesa Nacional e Sociedade Civil ● Segurança Pública e Operações de GLO

• Documentos Normativos	• Inteligência	
-------------------------	----------------	--

Fonte: elaborado pelo autor

Dentre os temas abordados pelos artigos, os mais frequentes foram enquadrados nas categorias de Administração Militar, Doutrina e Educação Militar, Logística e Mobilização, Terrorismo e Contrainsurgência, Emprego Tático e Operacional e Operações de Paz. Juntas, estas categorias abrigaram aproximadamente 43% dos artigos publicados pela revista nos últimos dez anos. Quanto à Administração Militar, ganharam destaque questões relativas à cultura organizacional do Exército Brasileiro, à formação e o papel das lideranças, à gestão do conhecimento e da inovação e às transformações gerenciais vivenciadas pela instituição. No que se refere à Doutrina e Educação Militar, também muito foi discutido a respeito dos meios para desenvolvimento de lideranças, além dos cursos conduzidos pelas escolas de altos estudos, como a ECEME e o Instituto Militar de Engenharia (IME). Quanto ao Emprego Tático e Operacional da força e à Logística e Mobilização, foram discutidas questões predominantemente técnicas acerca da utilização dos meios e recursos do poder terrestre, tais como sistemas de armas e sistemas logísticos. No tema do Terrorismo e da Contrainsurgência, discutiram-se aspectos jurídicos ligados ao combate ao terrorismo, à capacitação das Forças Armadas para lidar com esse tipo de ameaça e a atuação de grupos como o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIS) e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Por fim, quanto às Operações de Paz, aspectos como a preparação dos militares empregados nesse tipo de operação ganharam especial atenção, sobretudo no que se refere aos efeitos psicológicos e às implicações de fatores étnicos e culturais nessas missões. A Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) também foi objeto de discussão. O gráfico a seguir apresenta os temas mais abordados pela revista, cujos números exatos encontram-se na tabela disponibilizada no Apêndice 1, ao fim deste artigo.

Gráfico 1 - Temas mais abordados pela Revista das Ciências Militares (2006-2016)



Fonte: elaborado pelo autor

De um modo geral, a revista possui um perfil específico, majoritariamente técnico, sendo a maioria dos artigos referentes a aspectos bastante práticos da atividade fim do Exército. Não foi possível encontrar artigos teóricos do campo das Relações Internacionais que explicitassem nitidamente a visão internacional dos militares. Contudo, há um conjunto de publicações que abordam aspectos teóricos referentes à política internacional e à teoria da guerra, cuja análise permite nos aproximar da visão internacional adotada e exposta pelos autores colaboradores da revista. Alguns dos trabalhos em Doutrina e Educação Militar também trazem consigo análises do sistema internacional, com enfoque em seus impactos na formação e estruturação das forças armadas dos países ocidentais. Discutiremos alguns deles na seção seguinte.

VISÃO DO INTERNACIONAL: AS GUERRAS DE QUARTA GERAÇÃO E O PÓS-MODERNISMO MILITAR

Muitos dos trabalhos cujos objetos de discussão são as teorias de segurança e defesa aplicadas ao atual cenário internacional discutem linhas de pensamento e referenciais teóricos bastante próximos. Um destes trabalhos é o artigo do General Álvaro de Souza Pinheiro, publicado na 16ª edição da Revista das Ciências Militares³, acerca da Teoria das Guerras de Quarta Geração, constructo teórico formulado por William S. Lind na segunda metade do século XX e que ganhou especial atenção no período posterior ao fim da Guerra Fria. Em essência, a teoria de Lind (2005) aponta que as guerras travadas por Estados nacionais podem ser divididas em gerações. A Primeira Geração teria como marco de início a Paz de Westphalia em 1648, perdurando até 1840 e tendo como seu ápice o período das guerras napoleônicas. A Segunda Geração teria seu início em 1840, estendendo-se até o começo da I Guerra Mundial. A II Guerra Mundial, por sua vez, teria dado início à Terceira Geração, que viria a ser superada a partir da Guerra Fria com o surgimento das Guerras de Quarta Geração. Os fatores influenciadores das mudanças geracionais das guerras seriam principalmente a evolução das armas e táticas empregadas em combate. A Quarta Geração, que segundo Lind (2005) e seus sucessores perdura até os dias atuais, seria marcada pela emergência de novas ameaças de natureza não-estatal e transnacional, cujo combate requereria o emprego de meios e métodos irregulares, tais como operações psicológicas, combate de guerrilha e ações de aproximação da população civil, esta última tomada como variável de extrema importância nessa nova era de conflitos, visto que forças irregulares como grupos terroristas e insurrecionais usariam com frequência a tática de conquista da confiança dos civis como forma de se fortalecerem. A guerra de Estados contra Estados cada vez mais perderia espaço na Quarta Geração, ao passo que os meios convencionais de combate como baterias antiaéreas, caças e navios seriam substituídos por tropas irregulares atuando em ambientes urbanos, frequentemente disfarçados entre civis. A perfídia, a sabotagem, os assassinatos seletivos e as táticas terroristas seriam práticas comuns nesse período, criando a necessidade das tropas regulares de se adaptarem aos novos tempos.

Luiz Paulo Gomes Pimentel, oficial de carreira do Exército Brasileiro, e Tomaz Espósito Neto, professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), também discutem o instrumental teórico de Lind (2005). O estudo de Pimentel e Neto (2014)

³ Ver PINHEIRO (2007)

objetivou avaliar a aplicabilidade da teoria das quatro eras na análise da Segunda Guerra do Golfo, ocorrida em 2003, concluindo sua validade e aplicabilidade. Outro referencial teórico bastante citado por Pimentel e Neto (2014) são os trabalhos de Alessandro Visacro (2011), que aprofundou os estudos conduzidos por Lind (2005) e ampliou seu conceito de Guerra de Quarta Geração. Em tempo, cabe pontuar que Alessandro Visacro também foi colaborador da Revista das Ciências Militares, em sua edição de número 25⁴.

Os trabalhos de Marcelo Oliveira Lopes Serrano, também oficial de carreira do Exército Brasileiro, dialogam com os artigos de Pimentel e Neto (2014) e Pinheiro (2007) na medida em que igualmente discutem as tentativas de classificação das guerras em eras, feitas por Lind (2005) e seus sucessores. No entanto, Serrano possui uma visão nitidamente crítica a essa lente teórica. Em artigo publicado na 28ª edição da Revista das Ciências Militares, intitulado de “A Guerra é Filha Única”, Serrano (2013) critica as tentativas de categorizar as guerras em paradigmas, afirmando que

a guerra continua a apresentar diferentes feições, mas não há gerações. O que há é a manifestação de sua natureza subjetiva, moldada pelos inumeráveis e variáveis contextos políticos, econômicos, militares, sociais e tecnológicos nos quais ela é travada. (SERRANO, 2013, p. 76).

Posteriormente, em novo estudo, Serrano (2014) torna a criticar as tentativas de dividir as guerras em gerações, dessa vez discutindo o conceito de “Guerra no Meio do Povo”, cunhado pelo General Rupert Smith (2008). A Guerra no Meio do Povo corresponderia ao novo paradigma de guerra contemporânea, que teria substituído a chamada Guerra Industrial Entre Estados (GIE), de forma bastante similar àquela descrita por Lind (2005). Serrano (2014) ainda aponta para a incongruência produzida pela absorção de teorias constituídas nos países centrais e destaca a necessidade do Brasil desenvolver seus próprios referenciais teóricos para lidar com os desafios concretos que enfrenta.

Outro constructo teórico amplamente citado e discutido no âmbito dos debates acadêmicos entre os militares trata-se do Pós-Modernismo Militar (PMM). Essa corrente de pensamento parte de um diagnóstico do ambiente internacional fundamentalmente similar ao diagnóstico elaborado pelas teorias que alegam o surgimento de um novo paradigma de segurança e defesa no pós-Guerra Fria. Entretanto, o foco de sua análise recai sobre os impactos desse novo ambiente internacional sobre a estruturação das forças armadas

⁴ Ver VISACRO (2012)

ocidentais, sua doutrina, seus modelos de recrutamento, de ensino e de gestão de recursos humanos, além das relações entre militares e civis.

Os trabalhos de Moskos (1977 e 1986); Moskos, Williams e Segal (2000) e Caforio (2007) são os principais representantes dessa corrente. Esses pesquisadores afirmam que as Forças Armadas dos países ocidentais estariam migrando de um modelo institucional, baseado tipicamente em normas e valores, para um modelo ocupacional, associado a características mais próximas as do mercado de trabalho. Esta transição seria um dos marcadores para a transformação de uma forma moderna de Forças Armadas para o que chamam de uma forma pós-moderna. O marco temporal dessa mudança coincide com o marco temporal das teorias das guerras anteriormente discutidas: o fim da Guerra Fria e a dissolução do bloco soviético. Dentre os fatores causais dessa transformação destacam-se a intensificação da globalização, que teria diminuído a expressão da soberania nacional, juntamente com a intensificação dos fluxos comerciais, financeiros e de pessoas, que teria aproximado as forças armadas de países aliados e facilitado o intercâmbio de práticas. Para Moskos, Williams e Segal (2000), dentre algumas das principais características dessa nova forma pós-moderna de instituição militar podemos destacar: o incremento da interpenetrabilidade entre o meio civil e o meio militar, a aproximação das forças armadas com os sistemas educacionais civis, implicando no aumento da quantidade de militares possuidores de titulação acadêmica em instituições civis de ensino e no surgimento da figura do “militar acadêmico”, na abertura para a aceitação de mulheres nas forças armadas, entre outras.

Como dito, esse constructo teórico tem aparecido com frequência como ponto de pauta do debate acadêmico militar ao longo dos últimos anos. A Major Rejane Pinto Costa (2012) discute as mudanças de natureza tecnológica e socioculturais provocadas por esse novo momento e os caminhos para a capacitação dos militares nessa era pós-moderna. O Coronel Richard Fernandez Nunes (2012) e o Major George Alberto Garcia de Oliveira (2016) argumentam que a doutrina do Pós-Modernismo Militar influenciou em larga medida o processo de transformação do ensino no Exército Brasileiro, iniciado em meados da década de 1990 com a formação de um grupo de trabalho para propor ajustes na estrutura educacional do Exército de modo a adequá-la aos desafios dos novos tempos. Este esforço, segundo os militares, influenciou posteriormente iniciativas de profundo impacto na instituição, como a criação do Centro de Estudos Estratégicos (CEE) da ECEME e do Instituto Meira Mattos (IMM), além da inauguração do Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares (PPGCM), que desde meados dos anos 2000 conseguiu chancela da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para oferecer cursos de mestrado e doutorado *stricto sensu* para civis e militares. Parte considerável dos artigos publicados nos periódicos acadêmicos do campo de estudos de defesa nos últimos anos, em especial nos aqui estudados, é de autoria de pesquisadores civis e militares egressos desse programa. Oliveira (2016) ainda destaca a influência do Pós-Modernismo Militar no processo de transformação dos sistemas educacionais de outras nações pelo mundo, ao discutir em maior detalhe o caso argentino e citar os diversos programas militares de pós-graduação *stricto sensu* criados em países como Portugal, Alemanha, Bélgica, Finlândia, França e Itália.

CONCLUSÕES

Após proceder com o mapeamento dos artigos publicados nas edições dos últimos dez anos da Revista das Ciências Militares, tendo posteriormente os categorizado e os quantificado, pudemos identificar as ênfases temáticas priorizadas pelos autores dos trabalhos publicados e as principais influências teóricas que constituem o que podemos classificar como sua visão internacional. Procedemos, portanto, à reflexão a respeito das implicações dessa visão internacional em comparação as conclusões obtidas pelo estudo de Garcia (1997).

Podemos identificar pelo menos duas diferenças fundamentais na visão internacional percebida entre os militares a partir da pesquisa conduzida neste trabalho quando em comparação ao estudo de Garcia (1997). A primeira delas refere-se à diferença nas ênfases temáticas dos trabalhos produzidos por militares e por civis envolvidos com os estudos de defesa. Enquanto Garcia (1997) nos mostra que entre 1961 e 1989 “a ênfase dos estudos dos militares recai sobre o entorno geográfico do país e seus pontos críticos de contato-atrito com o mundo exterior” (GARCIA, 1997, p. 28), as publicações da ECEME dos últimos dez anos dão maior ênfase a aspectos organizacionais do Exército no emprego estratégico, tático, operacional e técnico do poder militar, além de questões típicas da nova agenda de segurança do pós-Guerra Fria, como o terrorismo e as operações de paz.

A segunda diferença fundamental relaciona-se com os aportes teóricos e autores mais referenciados e discutidos no meio acadêmico militar. Enquanto Garcia (1997) identificou que durante o período de 1961 a 1969 a visão internacional dos militares guardava afinidades com a perspectiva teórica do Realismo Clássico (GARCIA, 1997, p.28), cujo traço fundamental é a compreensão do Estado como ator de maior relevância no sistema internacional, os aportes teóricos que figuram como principais tópicos de debate na produção acadêmica militar aqui

estudada têm em comum a percepção de um enfraquecimento do Estado nacional enquanto ator de relevância principal para as análises do sistema internacional após a Guerra Fria, enquanto dão maior ênfase a fatores de natureza transnacional. Do mesmo modo, enquanto as pesquisas de Garcia (1997) apontaram clássicos do pensamento realista como Raymond Aron e Hans Morgenthau entre os autores mais referenciados pelos militares, atualmente figuram entre os mais citados e discutidos autores como William S. Lind, Alessandro Visacro e Charles C. Moskos. Embora tenhamos visto nas críticas de Serrano (2012, 2013 e 2014) que essa visão quanto à transformação das forças armadas e da natureza dos conflitos em direção a um novo paradigma contemporâneo (ou pós-moderno) esteja longe de ser consensual entre os militares, não há dúvidas de que essas correntes teóricas têm assumido posição central na pauta de discussões, direcionando os debates e marcando em grande medida a visão internacional dos militares nos tempos atuais.

APÊNDICE 1 – TEMAS MAIS FREQUENTES NOS ARTIGOS DA REVISTA DAS CIÊNCIAS MILITARES (2006-2016)

Tema	Frequência	% do total
África	1	0.53
Argentina	1	0.53
Cachemira	1	0.53
Energia	1	0.53
Ética Militar	1	0.53
Iran	1	0.53
Multiculturalismo	1	0.53
Questão Espacial	1	0.53
Antártida e Ártico	2	1.06
Chile	2	1.06
China	2	1.06
Cooperação Inter setorial	2	1.06
Estados Unidos	2	1.06
Kosovo	2	1.06
Oriente Médio	2	1.06
Relações Bilaterais Brasileiras	2	1.06
América do Sul	3	1.60
Documentos Normativos (END, PDN, Livro Branco)	3	1.60
Inteligência	3	1.60
Política de Defesa	3	1.60
Segurança da Informação e Ciberdefesa	3	1.60
Política Externa	4	2.13
Segurança Pública e Operações de GLO	4	2.13
Amazônia	5	2.66
Direito Internacional	5	2.66
Economia Política	5	2.66
Meio Ambiente	5	2.66
Tecnologia Militar	6	3.19
Defesa Nacional e Sociedade Civil	7	3.72
Historia Militar	9	4.79
Planejamento Estratégico	9	4.79
Teorias de Segurança e Defesa	9	4.79
Operações de Paz	12	6.38
Emprego Tático/Operacional	13	6.91
Terrorismo e Contrainsurgência	13	6.91
Doutrina e Educação Militar	14	7.45
Logística e Mobilização	14	7.45
Administração Militar	15	7.98

Fonte: elaborado pelo autor

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAFORIO, Giuseppe (2007). *Social Sciences and the Military: an interdisciplinary overview*. New York: Routledge.

COSTA, Rejane Pinto (2012). “Capacitação militar para o emprego na nova guerra”. In *Revista das Ciências Militares*, nº 26, 2012.

GARCIA, Eugênio Vargas (1997). “O pensamento dos militares em política internacional (1961-1989)”. In *Revista Brasileira de Política Internacional*, vol. 40, nº 1, pp. 18-40, 1997.

LIND, William S. (2005). “Compreendendo a guerra de quarta geração”. In *Military Review* (edição brasileira), jan-fev 2005.

MOSKOS, Charles C. (1986). “From institution to occupation: trends in military organization”. In *Armed Forces & Society*, vol. 4, nº 1, 1986.

MOSKOS, Charles C. (1977). “Institutional/Occupational Trends in Armed Forces: An Update”. In *Armed Forces & Society*, vol. 12, nº 3, 1977.

MOSKOS, Charles C. (2000). “Toward a postmodern military: the United States as a paradigm”. In: MOSKOS, Charles; WILLIAMS, John Allen; SEGAL David R. *The Postmodern Military: Armed Forces after the Cold War*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

NUNES, Richard Fernandez (2012). “O Instituto Meira Mattos da ECEME e o processo de transformação do Exército Brasileiro”. In *Revista das Ciências Militares*, nº 26, 2012.

OLIVEIRA, George Alberto Garcia de (2016) *O processo de criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Exército Brasileiro.

PIMENTEL, Luiz Paulo Gomes; NETO, Tomaz Espósito (2014). “O estudo da teoria da guerra de quarta geração na Segunda Guerra do Golfo (2003)”. In *Revista das Ciências Militares*, nº 33, 2014.

PINHEIRO, Álvaro de Souza (2007). “O conflito de 4ª geração e a evolução da guerra irregular”. In Revista das Ciências Militares, nº 16, 2007.

SERRANO, Marcelo Oliveira Lopes (2012). “Conflitos futuros e a organização do exército”. In Revista das Ciências Militares, nº 25, 2012.

SERRANO, Marcelo Oliveira Lopes (2013). “A guerra é filha única”. In Revista das Ciências Militares, nº 28, 2013.

SERRANO, Marcelo Oliveira Lopes (2014). “Guerra: no meio do povo ou simplesmente irregular?”. In Revista das Ciências Militares, nº 31, 2014.

SMITH, Rupert (2008). *The Utility of Force: the art of war in the modern world*. Vintage: 2008.

VISACRO, Alessandro (2012). “Inteligência cultural - assunto impositivo na formação do militar moderno e fundamental no estudo de situação: uma abordagem da temática indígena na Amazônia”. In Revista das Ciências Militares, nº 25, 2012.

VISACRO, Alessandro (2011). “Desafio da transformação”. In *Military Review* (edição brasileira), mar-abr 2011.